

Editorial Dossiê Singa/NERA

Claudio Ubiratan Gonçalves

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil
e-mail: biragrario@gmail.com

Paulo Roberto Rapozo Alentejano

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
e-mail: paulinhochinelo@gmail.com

O Simpósio Nacional e Internacional de Geografia Agrária foi gestado no bojo das lutas populares da década de 1990 contra as políticas dos governos neoliberais. Nasceu em 1998 no laboratório de Geografia Agrária da Universidade de São Paulo e desde então ganhou o Brasil. Já foi realizado nas mais diversas regiões, a saber: Presidente Prudente (SP), Londrina (PR), Niterói (RJ), Belém (PA), João Pessoa (PB), Goiânia (GO), Curitiba (PR) e recentemente em Recife (PE). Desde sua criação assumiu o compromisso de atuação e participação conjunta na luta com os movimentos sociais do campo em defesa dos bens da natureza e do território. Portanto o SINGA além de reunir características de evento técnico-científico, movimento sociopolítico e epistemológico assume uma posição clara quanto à opção de trabalho e método de formação ao lado das formas de r-existências populares. E com isso também se credencia como uma organização em movimento, transbordando sua ação e espaços de diálogo com organizações, redes, articulações e movimentos sociais dos demais países latinoamericanos.

Nestes vinte e um anos de sua realização o movimento SINGA vem trabalhando e refletindo sobre processos e metodologias que visibilizem o protagonismo de outras cognições, epistemologias e matrizes de saberes que emergiram a partir dos fazeres nos espaços das comunidades rurais, congressos camponeses, assembleias populares e organizativas e demais espaços de socialização política onde se pratica as relações de horizontalidade no convívio.

O tema central deste dossiê ora publicado é o mesmo do IX SINGA: **“Para além das cercas que nos cegam: as naturezas das r-existências no campo na América Latina”, mas com foco no Brasil**. Ele traz para o primeiro plano da estratégia e do debate a denúncia da não realização da Reforma Agrária, a criminalização e assassinatos de lideranças dos movimentos camponês e indígena. Criminalizações que são sofridas na tensão direta com o avanço violento do agrohidromineronegocio nos biomas dos Pampas, Mata Atlântica, Cerrados, Caatingas e Amazônia com a conivência do Estado. No país onde o campesinato assegura o alimento saudável e de verdade na mesa de todos os brasileiros o Estado Nacional segue apostando no lucro especulativo das commodities. Avança negando a relevância histórica e de autonomia alimentar e territorial do campesinato para o conjunto da sociedade

e aprofunda o extermínio das formas saudáveis e coletivas de organização da produção da vida.

Este número da Revista do NERA é composto por 21 artigos selecionados dentre os mais de 936 trabalhos apresentados durante o IX SINGA, realizado na Universidade Federal de Pernambuco no ano de 2019. Os trabalhos apresentados estavam organizados em 21 eixos temáticos.

Dos 21 artigos selecionados para este número da revista, seis (6) tratam de conflitos gerados pela expansão da mineração sobre áreas rurais, sejam assentamentos, comunidades tradicionais e camponesas. Quatro (4) tratam da realidade dos assentamentos rurais, seja sua dinâmica interna, seja os impactos que geram em seu entorno. Três (3) analisam acampamentos de trabalhadores sem terra e outros três (3) política agrárias e agrícolas. Por fim, mais três (3) debatem conflitos em torno da água e dois (2) da expansão de monocultivos.

Esta distribuição temática aponta para duas dimensões importantes da questão agrária brasileira na década de 2010: (1) a multiplicação no campo brasileiro de processos expropriatórios ligados ao avanço do capital sobre comunidades rurais, para se apropriar da terra e outros bens, como a água ou minérios; (2) o refluxo das ocupações de terra como forma de luta pela terra empreendida a partir de movimentos sociais rurais.

Estas duas dimensões interconectadas apontam para um cenário de ofensiva do capital e refluxo da luta dos trabalhadores, movimento que pode ser confirmado com a análise dos dados da Comissão Pastoral da Terra sobre conflitos no campo que apontam para aumento dos conflitos provocados pela ação do capital ou do Estado a serviço deste, em contraste com a redução das ações protagonizadas pelos movimentos sociais.

Em 2019 tivemos o maior número de conflitos da década, com aumento de 23% em relação ao ano de 2018. Além disso, houve aumento dos conflitos por terra entre os conflitos no campo na última década. Entre 2007 e 2009 os conflitos por terra representavam 40% a 50% dos conflitos no campo, este patamar mudou para 50% a 65% entre 2010 e 2015 e pulou para mais de 70% em 2016, mantendo-se neste patamar nos anos de 2017 e 2019, com leve oscilação para 65% em 2018.

Vale registrar ainda o crescimento dos conflitos por terra em termos absolutos, pois estes passaram dos 1.000 casos pela primeira vez em uma década em 2016, o que se repete em 2019, quando atinge o pico de 1.254 conflitos.

A maior parte dos conflitos por terra não foi resultante de ações dos movimentos sociais, como ocupações de terra, como apregoam certas vozes ligadas aos interesses do agronegócio, mas de ações de despejo, expulsão, enfim, ações protagonizadas pelo capital/latifúndio na sua sanha de se apropriar de mais e mais terras.

Do ponto de vista teórico-conceitual o território é a principal referência, via de regra com a aplicação da tríade territorialização-desterritorialização-reterritorialização, balizando

sete (7) trabalhos. Outro conceito bastante utilizado é o de acumulação por espoliação presente em quatro (5) trabalhos, assim como a noção de grandes projetos de desenvolvimento, muitas vezes de forma articulada. O debate sobre land grabbing ou corrida por terras está presente em dois trabalhos e em um trabalho cada aparecem como centrais conceitos necropolítica, agrohidronegócio e agroecologia. Registre-se ainda que os conceitos de campesinato e agricultura familiar aparecem como referência, respectivamente, em sete (7) e dois (2) trabalhos.

Pelos dados apresentados podemos concluir que o SINGA segue sendo um espaço fundamental de reflexão sobre as transformações no campo brasileiro, uma vez que os artigos que compõem esse Dossiê abarcam aspectos candentes da questão agrária brasileira, ao mesmo tempo em que revelam tendências importantes da dinâmica agrária em curso. Expressam ainda a vitalidade da Geografia Agrária brasileira fortemente conectada às lutas dos movimentos sociais e povos do campo e em diálogo permanente com as teorias críticas que se renovam diante do desafio de interpretar e incidir nas transformações em curso no campo brasileiro.

Boa leitura!

Os editores

Sobre os autores

Claudio Ubiratan Gonçalves – Graduação em licenciatura (1997) e bacharelado (1999) em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) (2001); doutorado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) (2005). Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0002-0777-4506>.

Paulo Roberto Raposo Alentejano – Graduação em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro (1989), Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) (1998), doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) (2003). **OrcID** – <http://orcid.org/0000-0003-0630-8164>

Como citar este artigo

GONÇALVES, Claudio Ubiratan; ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo. Editorial Dossiê SINGA/NERA. **Revista NERA**, v. 24, n. 59, p. 10-12, Dossiê, 2021.
